

# AUTOMEDICAÇÃO EM DISCENTES DA ÁREA DA SAÚDE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Eliana Luz Lopes<sup>1</sup>, Werlissandra Moreira de Souza<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do Centro das Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS/UFOB, Barreiras-Ba/Brasil), eliana.l1930@ufob.edu.br,

<sup>2</sup>Docente do Centro do Centro das Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS/UFOB Barreiras-Ba/Brasil), werlissandra.souza@ufob.edu.br

**INTRODUÇÃO:** A automedicação, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o uso de medicamentos para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticados. Esta prática é uma preocupação global, não se limitando ao Brasil, pois afeta muitas pessoas em diversos países. É comum entre acadêmicos da área da saúde, que muitas vezes dispensaram a consulta a um profissional devido ao conhecimento adquirido durante a graduação.

**OBJETIVO:** Este trabalho teve como objetivo avaliar a prática da automedicação em discentes da área da saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) no contexto da COVID-19.

**MATERIAL E MÉTODOS:** Um estudo observacional e descritivo, com delineamento transversal, foi realizado em Barreiras-BA. Foi utilizado um questionário baseado na literatura e um teste piloto. A população estudada consistiu em estudantes ativos do Centro das Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Para calcular o tamanho da amostra, foi utilizado um intervalo de confiança de 95%, nível de significância de 5% e erro amostral de 5%, considerando o tamanho amostral de 268 de um total de 864 estudantes.

**RESULTADOS:** Todos os estudantes tinham conhecimento sobre a automedicação e reconheciam os riscos à saúde. Eles concordaram que, durante a pandemia, a automedicação não substitui a consulta médica. A maioria dos participantes tinha 24 anos 85%, sendo 71% mulheres e 29% homens. Estudantes solteiros representaram 93% e casados 7%. Academicamente, 57% estavam entre o 1º e 4º semestre, 39% entre o 5º e 8º semestre, e 4% entre o 9º e 12º semestre. Nos últimos dois anos, 80% dos estudantes de saúde se automedicaram. Observou-se que as vitaminas apresentaram o maior consumo, com 35%, antimaláricos 1%, antibióticos 5%, antiparasitário 6%, suplemento mineral 5%, fitoterápicos 11%, antidepressivos 3% e os relaxantes musculares 13%. Alguns alunos relataram o uso de outros medicamentos, mas não especificaram quais, correspondendo a 15%, e 6% afirmaram que não se automedicaram. A demora nos serviços hospitalares representou um dos principais motivos relatado pelos estudantes para a prática da automedicação, o que atendeu a 24%. Outras razões incluíram doença de emergência 13%, distância da unidade de saúde 6%, proximidade da farmácia 13% e custo da unidade de saúde 1%, falta de medicamento na unidade de saúde 0%, e 34% dos estudantes mencionaram outros motivos não especificados, enquanto 9% afirmaram não se automedicar. Em relação à prescrição de medicamentos, apenas 9% receberam orientação de um farmacêutico. Considerando o valor de  $p$  de 0,507, ( $p > 0,05$ ), conclui-se que não existe associação entre o curso e a prática da automedicação, indicando apenas uma distribuição semelhante.

Quanto ao tamanho do efeito, o valor de  $V$  de Cramer considerou-se 0,093, o que sugere uma associação pequena entre as duas variáveis.

**CONCLUSÃO:** Portanto, esses achados demonstram que a capacitação de estudantes da saúde para promoção do uso racional de medicamentos é essencial para manutenção e garantia de uma saúde pública mais responsável.

**Palavras-Chave:** Automedicação, Universitários, Covid-19.

**Agência Financiadora:** FAPESB (Cotas).